

Policiais civis matam sindicalista em Ceilândia, mas garantem que só atiraram para se defender. Gildo da Silva Rocha queria reforçar o impacto da greve dos servidores da Salub revirando latas de lixo na cidade e acabou morto com um tiro pelas costas

Uma história malcontada

✓ Os sindicalistas que estavam com Gildo afirmam ter sido abordados por policiais em um carro vermelho. O veículo que os agentes apresentaram foi um Santana cinza

✓ Ismael Nascimento Bispo, única testemunha do crime, diz que viu tudo de um quiosque, onde comia um sanduíche. O dono do quiosque garante ter fechado as portas uma hora antes

✓ A mesma testemunha diz que Gildo atirou primeiro nos policiais, que responderam disparando para o ar. Era noite e ele estava a 500 metros do local onde Gildo foi baleado

✓ Ismael mora na quadra onde Gildo foi morto mas não aparecia em casa há uma semana. Nem dormiu lá depois do assassinato. Mesmo assim, ele diz que estava presente quando tudo aconteceu

Da Redação

Tudo aconteceu em um espaço de menos de dois quilômetros ao longo da avenida Hélio Prates, em Ceilândia, por volta de 1h15 da madrugada de ontem. Nesse trajeto, 17 tiros foram disparados e um deles acertou um funcionário público, que morreu em seguida. O gari do Serviço de Ajardinamento e Limpeza Urbana (Salub) e líder sindical Gildo da Silva Rocha, 33 anos, foi atingido nas costas por um tiro de pistola disparado por um policial civil. O relato de testemunhas e policiais traduz uma história recheada de versões incompletas e contraditórias.

Gildo foi morto por agentes da Polícia Civil lotados na Delegacia de Roubos e Furtos (DRF). Os policiais faziam a ronda noturna em um carro, sem pintura oficial, como parte da Operação Delta, idealizada pela Secretaria de Segurança Pública para conter a violência e em funcionamento desde o último dia 25 de agosto. Segundo os policiais, eles abordaram três homens suspeitos. Um deles fugiu de carro, foi perseguido, reagiu com tiros e foi baleado. Mas a versão tem pontos ainda mal explicados.

Gildo estava acompanhado de dois colegas do Salub, Geraldo Rufino e Edson Sampaio. Os três percorriam o centro de Ceilândia com uma missão. Como ativistas do Sindicato dos Servidores Públicos do Distrito Federal (Sindser), tentavam reforçar o impacto da greve dos servidores da Salub, decretada quinta-feira. Planejaram fazer isso virando latas e esvaziando sacos de lixo no meio da rua. Mas foram flagrados pela polícia no meio da operação.

Os sindicalistas que acompanhavam Gildo na hora da abordagem garantem que eles foram parados por três policiais civis que chegaram em um carro vermelho. Eles não têm certeza da marca nem do modelo do veículo. Aham que pode ter sido um Corsa ou um Fiat Uno. Na versão dos policiais, o carro usado na perseguição a Gildo

na madrugada de ontem era um Santana cinza.

No momento em que os policiais pararam o carro ao lado do Apolo de Gildo, que estava ao volante, Geraldo e Edson estavam na calçada, derrubando lixo no chão. Com a abordagem, Gildo se assustou e arrancou com o Apolo. Segundo os agentes Arnolfo Alves Pereira e Ronildo Brito de Mesquita, que saíram em perseguição a Gildo, o sindicalista disparou várias vezes na direção do carro da polícia. Eles teriam apenas reagido.

SIRENE LIGADA

A principal testemunha da versão contada pelos policiais é o entregador de sapatos Ismael Nascimento Bispo. Ontem à tarde, às 12h40, enquanto tomava sua cervejinha no Bar do Velho, em Ceilândia, Ismael repetiu o que disse em seu depoimento. Categórico, tem certeza de que o sindicalista disparou primeiro, três vezes, contra o carro dos policiais.

Ismael testemunhou tudo de um quiosque localizado entre as QNMs 17 e 19 de Ceilândia. Dali, enquanto comia seu sanduíche, viu os dois carros passarem correndo, o de trás com *rotolight* (aquela luz vermelha, giratória, característica de carros policiais) e sirene ligada. Os carros continuaram até a quadra seguinte, assim como continuou o interesse de Ismael. “Na hora em que chegaram no retorno, os três primeiros tiros partiram do Apolo (carro do sindicalista). Depois, a polícia revidou com dois tiros para cima”, afirma a testemunha. Ele garante ter visto os “clarões” dos tiros, e é isso que lhe dá tanta certeza de como tudo aconteceu, apesar dos 500 metros que o separavam do retorno.

Ismael conta que estava fazendo o lanche no tal quiosque quando viu a perseguição e o tiroteio. Passava de 1h da manhã. Mas segundo o dono do quiosque, que não quis se identificar, o estabelecimento já estava fechado há pelo menos uma hora. “Eu ouvi os tiros, mas nessa hora eu já estava em casa.”

Álbum de família



GILDO, AO LADO DA MULHER, GLEICIMAR: ÚLTIMO ENCONTRO DOS DOIS OCORREU UMA HORA ANTES DO ASSASSINATO

PERSEGUIÇÃO E MORTE

Os três sindicalistas foram abordados pelos agentes em frente à Caixa Econômica, na avenida Hélio Prates. O diretor do Sindserv Gildo da Silva Rocha fugiu em disparada com seu carro, dobrando na M1. Durante a perseguição, segundo os policiais e uma testemunha, houve troca de tiros e Gildo foi atingido pelas



Editoria de Arte/Anderson Araújo

Abordados na terceira parada

Durante toda a quinta-feira, Gildo esteve envolvido com a mobilização dos trabalhadores do Serviço de Ajardinamento e Limpeza Urbana (Salub) que decretaram greve por tempo indeterminado no dia anterior. Mais uma categoria que paralisou as atividades para cobrar promessas de campanha do governador Joaquim Roriz — assim como professores, auxiliares em educação e servidores da saúde que fizeram nova caminhada ontem na Rodoviária do Plano Piloto.

Depois de percorrer algumas unidades de limpeza urbana, Gildo chegou apressado à sede do Sindicato dos Servidores Públicos do DF (Sindser) no Conic. Passava das oito horas da noite e ele estava atrasado para a reunião entre diretores do Sindser que definiria como deveriam ser os piquetes na madrugada de ontem.

Os trabalhadores da Salub querem garantia de emprego, manutenção da parceria com as associações de carroceiros, ticket alimentação para os funcionários da Parceria Popular, incorporação de horas extras e pagamento de gratificação de R\$ 300.

Antes de ir para as ruas da cidade, Gildo disse aos colegas que precisaria passar em casa. Na QNP 10, por volta da meia-noite, falou com a mulher, Gleicimar. De lá, os três funcionários do Salub seguiram para uma lanchonete. Comeram um sanduíche e tomaram refrigerantes. Só então começaram a fazer os caminhos percorridos pelos caminhões de lixo na cidade e a picotar sacolas de lixo.

“MÃO NA CABEÇA”

Enquanto Gildo ficava ao volante do seu carro, Geraldo e Edson rasgavam as sacolas de lixo. Picotaram sacos duas vezes. Na terceira tentativa, foram surpreendidos pelos policiais. Geraldo e Edson estavam do lado de fora do carro. Nem chegaram a pegar nos sacos, quando ouviram a ordem: “Mão na cabeça, deita no chão”, disse, empunhando a arma, um policial moreno, alto e com colete da Polícia Civil, que dirigia o carro.

“Não pediram nenhum documento na abordagem, só foram pedir depois, na delegacia”, conta Edson.

O segundo homem, claro e de estatura média, desceu em seguida, também com uma arma na mão. Assustado, Gildo saiu em disparada com o carro. O primeiro policial disse ao colega: “Vamos abortar o cara”. Na gíria policial, abortar significa “pegar, parar, domar”.

Enquanto Geraldo e Edson ficaram sob a mira do revólver de um dos policiais, o agente entrou no carro e saiu em perseguição a Gildo. Saiu para “abortar o cara”.